
Representação da morte de jovens no site do *Jornal de Fato*¹

Natanael da Silva LEÃO²

Francisca Meiriane da SILVA³

Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN

RESUMO

A mídia mossoroense tem dado grande visibilidade às notícias envolvendo jovens em situação de violência. O jornal, enquanto mídia, ainda possui bastante credibilidade junto aos seus leitores, sendo o meio de comunicação mais confiável para os brasileiros, conforme a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, realizada pela Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal. Em parte, esse prestígio é dado pelas fotografias, encaradas popularmente como espelhos da realidade. As imagens podem até significar sozinhas, mas em matérias elas sempre vem acompanhadas de legendas, títulos e textos jornalísticos, formando o discurso noticioso. Dessa forma, o presente artigo, utilizando como opção teórica e metodológica a análise do discurso de orientação francesa, busca compreender os sentidos em torno dos jovens mossoroenses vítimas da criminalidade nas notícias do *Jornal de Fato*.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Fotografia; Violência; Juventude; Jornal de Fato.

Introdução

A violência é um dos grandes problemas do Brasil. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em 2016 houve 61.619 mortes violentas no país, número superior aos anos anteriores. Essa estatística preocupante indica a naturalização do fenômeno e a falta de compromisso por parte de autoridades em nível federal, estadual e municipal com a esfera da segurança pública.

Conforme o Atlas da Violência 2017, produto da parceria entre o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o FBSP, o fenômeno da criminalidade traz diversos impactos negativos ao país. Além de afetar a vida e dignidade humana, a violência influencia a dinâmica demográfica e interfere no processo de desenvolvimento socioeconômico.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Graduando do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UERN, e-mail: natanleao23@hotmail.com.br

³ Graduada no Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UERN, e-mail: meiri10008@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UERN, e-mail: marciliamendes@uol.com.br

O Rio Grande do Norte é um dos estados com maior crescimento no número de mortes violentas. De acordo com o Mapa da Violência Letal Intencional do Rio Grande do Norte, entre 2012 e 2016 a variação das taxas de homicídios no estado foi de 62,9%. Os dados mostram que a segurança pública potiguar nunca esteve tão fragilizada, principalmente entre os jovens. Em 2016, o número de homicídios de adolescentes e jovens correspondeu a dois terços do total de mortes.

A maneira como a violência tem afetado adolescentes e jovens, especialmente do sexo masculino, negros e pardos e de baixa renda têm preocupado as instituições e organizações de segurança. Em todo Brasil, mais de 318 mil jovens foram assassinados entre 2005 e 2015. A maioria dessas vítimas é pobre e cresceu sem acesso à serviços públicos de qualidade. A carência de oportunidades e a vulnerabilidade social tendem a impulsionar a juventude à criminalidade.

A questão da violência ainda enfrenta as sequelas do armamento. De acordo com o relatório, “somente em 2015, 41.817 pessoas sofreram homicídio em decorrência do uso das armas de fogo, o que correspondeu a 71,9% do total de casos”. Nas regiões Norte e Nordeste, aumentou consideravelmente o número de armas nos últimos anos, justamente nesse território a quantidade de crimes letais foi intensamente elevada.

Mais que números, a violência é um fenômeno social que diariamente ocupa longos espaços em programas televisivos, portais de notícia, blogs e jornais. Não é novidade a influência que os meios de comunicação possuem na sociedade e seu poder na difusão de ideias. Desse modo, se faz necessário pesquisar, entender e discutir sobre a relação entre mídia e criminalidade.

O presente artigo busca analisar notícias, especialmente as fotografias nelas contidas e seus complementos, publicadas no *Jornal de Fato*, muito conhecido na cidade de Mossoró, estado do Rio Grande do Norte. A pesquisa visa identificar os sentidos produzidos pelos discursos envolvendo jovens mossoroenses em situação de violência.

Para tanto, foram escolhidas seis notícias divulgadas no portal virtual do *Jornal de Fato* entre agosto e dezembro de 2017. Todas retratam jovens vítimas da criminalidade. Os títulos, fotografias, legendas e textos das matérias jornalísticas foram estudados por meio da análise do discurso de orientação francesa.

Para Orlandi (1999, p. 17), “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos

por/para os sujeitos.” Portanto, a língua é a condição de possibilidade do discurso, que conduz o leitor do jornal a uma relação de sentidos. Um discurso leva a outro, e se constrói em textos verbais e não verbais que se complementam. Nessa lógica, tanto o dito como o não dito produzem sentidos.

Com esse artigo, buscamos contribuir para a pesquisa sobre mídia, juventude e violência no Brasil. Por meio da tríade discurso, sujeito e ideologia, que fundamenta a análise do discurso, será revelada a opacidade dos textos, mostrando que as palavras significam pela história e pela língua. Os textos também influenciam opiniões, ainda mais pela propulsão dada através dos meios de comunicação.

Mais que mil palavras: O poder da imagem

Em nosso cotidiano, estamos cercados por imagens, definidas como representações (JOLY, 1994.). Elas estão presentes em praticamente todos os meios de comunicação, que são diariamente consumidos pelas pessoas. Essa condição amplia o poder das imagens na sociedade, constatado pela conhecida frase popular “uma imagem vale mais que mil palavras”. Dessa forma, às fotografias é atribuído o sentido de verdade absoluta, expressão da realidade.

O leitor de uma imagem fotojornalística tende a compreendê-la como uma realidade factual, algo que irá expressar a verdade pela sua capacidade de paralisar o instante. O advento da fotografia no século XIX consolidou a presunção de que ela é o decalque, a reprodução fiel da “imagem” do mundo, uma prova incontestável da existência. (JÚNIOR, 2006, p. 121)

Portanto, a imagem fotográfica está comumente associada ao ideal de verdade. No entanto, uma análise crítica desta afirmação nos leva a refletir e problematizar sobre o conceito de verdade. Nietzsche (2007 apud CARLOS, 2015, p. 23) a define como “um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente (...)”. Em outras palavras, a verdade estaria diretamente relacionada ao hábito, sendo uma construção social.

Dessa forma, a fotografia não é o espelho da realidade. Uma só imagem possui vários significados, desencadeia diversas interpretações. A polissemia é reforçada pelo contexto de produção da foto, onde a pessoa seleciona o que considera importante para ser mostrado na imagem de acordo com a sua subjetividade. Carlos e Mendes (2013, p.

03) defendem que “esta seleção da cena a ser mostrada é um pedaço daquilo que realmente existiu, um recorte do real, selecionada a partir de condições técnicas, conceitos próprios de quem a produz, um recorte do real feito a partir de impressões e julgamentos pessoais e profissionais.”

Em vista disso, o contexto de produção da imagem ou as escolhas do fotógrafo são essenciais na rede de sentidos construída pelos observadores. A civilização das imagens na qual estamos inseridos é, na verdade, uma conjuntura de recortes do real escolhidos subjetivamente. Apesar das fotografias representarem um momento verdadeiro, capturado pela câmera, elas não são verdades incontestáveis.

Mídia, notícia e poder

A história dos meios de comunicação está ligada à relação de poderes. Nesse contexto, os jornais, mais que qualquer outra mídia, evocam imagens de poder político, furos jornalísticos e os magnatas midiáticos (PARRY, 2012). Desde as *actas diurnas*, que apresentavam informações diárias de interesse público na Roma Antiga, os meios noticiosos ascenderam socialmente marcados por sua influência política e social. Tal condição, segundo Roger Parry (2012), levou o estadista britânico Edmund Burke a definir os jornais como quarto poder, o mais importante de todos.

O desenvolvimento tecnológico impulsionou o consumo das mídias, ampliando sua influência. Paralelo a isso, a sociedade atribuiu uma imagem mitológica aos jornalistas, onde eles são portadores da verdade que exprimem nos textos noticiosos a realidade tal como ela é. Essa percepção do jornalista como mero mediador que reproduz os fatos desconsidera sua subjetividade, suas impressões pessoais e contexto social em que vive.

Por volta dos anos 1950, David Manning White aplicou o conceito de *gatekeeper* ao jornalismo, referindo-se à pessoa que toma uma decisão em uma sequência de decisões. “Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, portões (...)” (TRAQUINA, 2012, p.152). Os portões aos quais Nelson Traquina se refere são áreas de decisão cujo o jornalista reflete e escolhe que notícia será ou não publicada, assumindo o papel de *gatekeeper*.

Vale ressaltar que a teoria do *gatekeeper* ou da ação pessoal realiza uma análise das notícias somente através do jornalista, visto que ele é o responsável por sua produção. Dessa forma, a teoria individualiza a seleção noticiosa a apenas um sujeito,

desconsiderando a linha editorial e ideológica da organização que ele presta serviços. Nelson Traquina (2012) destacou a grande dimensão do processo de produção das notícias, que compreende fatores micro e macrossociológicos. Em outras palavras, o jornalista sozinho não é o único “portão” na escolha de quais acontecimentos vão se tornar matérias, bem como suas estruturas linguísticas.

A jornalista e pesquisadora de comunicação Zélia Leal Adghirni, embasada nos estudos de Nelson Traquina, esclarece a produção da notícia e sua relação com os acontecimentos:

As notícias são o resultado de um processo de produção definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias). (...). As notícias não podem ser vistas como emergindo do mundo real; as notícias acontecem na conjunção dos acontecimentos e dos textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento. (ADGHIRNI, 2002, p. 463-464)

No amplo processo de produção da notícia, o jornalista é importante. No entanto, a organização comunicacional exerce poder sobre ele e influencia a maneira como os acontecimentos cotidianos, chamados de matérias-primas, são submetidos a uma estrutura textual marcada por palavras, frases, orações, manchetes e imagens que desencadeiam sentidos, transmitindo uma mensagem coerente ao leitor.

Entre os acontecimentos que costumam virar notícia, Bockelmann (1983, p. 65 *apud* ALSINA, 2008, p. 153-154) destaca o sucesso e prestígio pessoal, novidades e últimas tendências em diversas áreas, situações de exercício do poder, violência, agressividade, dor, enriquecimento financeiro de pessoas, crises e os fatos extraordinários, singulares e exóticos. De fato, esses assuntos estão sempre em evidência nos jornais.

Ao mesmo tempo que os acontecimentos geram as notícias, estas disseminam ideais de acontecimentos para o público que as consome e confia na credibilidade dos meios de comunicação. Conforme a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, que busca identificar os hábitos de consumo de mídia entre os brasileiros, o jornal é o veículo de comunicação mais confiável. Seis em cada dez entrevistados afirmou acreditar sempre ou muitas vezes nas notícias veiculadas em jornais.

Com base nesses dados, podemos perceber a influência que os meios de comunicação possuem. Se as notícias nascem na relação texto e acontecimento, é essencial que os jornalistas e organizações se esforcem para produzirem conteúdos com

responsabilidade. Afinal de contas, a mídia desencadeia ações cotidianas no público, colabora para a construção da verdade e agenda os assuntos mais discutidos na sociedade.

Jornalismo e violência: Sangue em pauta

A violência no Brasil tem sido uma questão bastante comentada, principalmente neste ano, com a intervenção militar no Rio de Janeiro e o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco. Até mesmo a Igreja Católica tem promovido nos últimos meses debates e reflexões sobre a superação da violência através da Campanha da Fraternidade, atividade tradicional da instituição religiosa.

A violência não é um acontecimento pontual, isolado. Sua ampla dimensão afeta pessoas de todas as faixas etárias nos mais diversos ambientes, como o familiar e o institucional. Tal impacto motiva a abordagem diária da violência em TVs, jornais, revistas, cinemas, entre outras mídias. Tanto textos visuais como verbais, ficcionais ou não, dão visibilidade a esse fenômeno que destrói vidas e deixa marcas de dor e sofrimento em milhares de brasileiros.

No contexto da violência, termos como “crime”, “criminalidade”, “criminoso”, “polícia” e “policia” costumam ser mencionados com frequência. Carla Cristina Costa Alves (2001) nos ajuda a compreender melhor essas expressões, bem como a aproximação da violência com o jornalismo.

A noção de crime surge como definição do que o sistema judiciário estabelece como proibido por determinada lei e que, portanto, torna-se prática ilegal e deve ser punido. A polícia aparece neste cenário como a força que vai vigiar o cumprimento das leis e assegurar a ordem pública. Todo e qualquer fato que vá de encontro à legislação vigente e que, por isso, exija um envolvimento da polícia no sentido do restabelecimento da disciplina, pode ser matéria de jornalismo policial. A definição de crime está inscrita em uma instância de poder fora da do jornalismo policial, mas que vai ser apropriada por este: fazer algo ilegal é tornar-se criminoso: ser criminoso, por seu lado, é poder ser notícia. (ALVES, 2001, p. 14)

Em vista disso, percebemos que a polaridade entre policial e criminoso deriva da lei, da moral e disciplina. Nesse sentido, aos policiais está atribuída a ideia de preservadores da ordem, construtores da fraternidade e dever de reestabelecer a moral abalada por aqueles que estão em situação de violência, passíveis de punição por

afrontar a paz social. Paralelo à essa lógica, está o jornalista, que transforma o acontecimento violento em matéria.

Se o crime é notícia, a maioria dos jornais reserva longos espaços exclusivos para o assunto. As sessões policiais são recheadas de notícias sobre homicídios, roubos, assaltos, sequestros e todas as possíveis ocorrências registradas nas delegacias. Geralmente as imagens das vítimas ou criminosos são destacadas nas capas e acompanham os textos. Tanto nos jornais impressos como em sites jornalísticos esse raciocínio é o mesmo.

O crescimento da violência tem levado os brasileiros a debater sobre a influência das instituições na transmissão dos valores morais e éticos aos jovens e adolescentes. Conforme Njaine e Vivarta (2005), os meios de comunicação estão entre essas instituições por fazerem parte da educação e socialização de jovens e adolescentes, além da sua influência no agendamento de assuntos debatidos na sociedade.

Muitos estudiosos da comunicação, psicólogos e cientistas sociais alertam sobre a difusão de modos de comportamento aos jovens por parte dos meios de comunicação. A densidade de notícias jornalísticas em jornais pode desencadear, para alguns psicanalistas, mudanças comportamentais em adolescentes e jovens, como indiferença à dor e esgotamento afetivo.

A abordagem da violência nos jornais ainda é marcada pela espetacularização da dor. Comumente as imagens das vítimas são divulgadas expondo-as às condições constrangedoras, violando o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. O repórter deve respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem de todos os cidadãos. No entanto, a busca por audiência coloque em xeque essa questão, exemplificada pelo volume de matérias policiais sensacionalistas.

Além do mais, o repórter produz o texto encarando o acontecimento pela violência em si, deixando de levar em consideração as causas e contextos do ocorrido. O contexto social das vítimas e agressores não são abordadas. Geralmente apenas policiais são ouvidos, carecendo de profundidade na apuração. O resultado é um texto jornalístico superficial e descontextualizado, que não problematiza motivos, efeitos e soluções para o problema da violência.

O jornalismo impresso e televisivo ainda é acometido pela desigualdade social e racial no processo de produção da notícia. Segundo Njaine e Vivarta (2005), há um “tratamento diferenciado dado pela mídia a jovens em conflito com a lei da classe média

e da periferia”. Aos ricos que cometem crimes está associada a ideia de transtorno ou problema psicológico, emocional ou que ainda está em fase de desenvolvimento, restando aos mais pobres a já conhecida justificativa de que infringiu a lei por cobiça à dinheiro e bens materiais.

No entanto, os meios de comunicação têm a função de cooperar para o cumprimento dos direitos sociais, defendendo a vida e a dignidade humana. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros prevê que todos os profissionais da área defendam os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção de garantias individuais e coletivas, bem como o combate à discriminação de qualquer natureza.

Além de influenciar comportamentos, os meios de comunicação contribuem concretamente para a construção de políticas públicas, na medida em que agenda debates na sociedade e, conseqüentemente, nas instâncias governamentais. Ao determinarem quais temas terão destaque nas discussões na esfera da sociedade, tornam-se o fiel da balança com poder, por exemplo, para fazer prevalecer políticas públicas de segurança com perfil repressivo ou preventivo. Portanto, muito mais que fomentador do comportamento violento de um cidadão, a mídia deve ser entendida como instrumento de controle social que contribui (ou não) para que o Estado assuma definitivamente seu papel à frente dessas questões. (NJAINÉ; VIVARTA, 2005, p. 73)

Portanto, as instituições midiáticas ainda possuem bastante representatividade e credibilidade, influenciando discussões na sociedade. Por seu alcance e poder, os veículos de comunicação devem contribuir para que o Estado assegure direitos aos cidadãos, promovendo políticas públicas para a superação da violência e o bem-estar social.

Análise das fotografias e textos jornalísticos sobre adolescentes e jovens em situação de violência publicadas no portal do *Jornal De Fato*

Tendo em vista a grande visibilidade dada às notícias policiais nos jornais e sites de notícias, bem como a produção de sentidos construída em torno dos adolescentes e jovens em situação de violência, seis notícias publicadas no portal do *Jornal de Fato* relacionadas ao tema foram examinadas conforme a análise do discurso de orientação francesa, buscando compreender que discursos são desenvolvidos através das imagens e textos.

A primeira notícia escolhida foi publicada no dia 01 de agosto de 2017, com o título “Assaltante é morto a tiros no centro de Mossoró”. A fotografia não possui

crédito, mas vem acompanhada pela legenda “Vinícius Guedes dos Santos a de 18 anos, é a 148ª Morte violenta em Mossoró em 2017”.



Possivelmente a imagem foi extraída de algum documento oficial do jovem, como a identidade, carteira de trabalho ou de habilitação. O texto, apesar de ser publicado no *Jornal de Fato*, foi originalmente escrito pelo blog de notícias policiais *O Câmera*, comunica que o rapaz estava assaltando uma moto quando foi morto por uma pessoa desconhecida que passou pelo local no momento da abordagem.

O jornal expôs o nome completo e endereço residencial do jovem, mas não identificou o responsável por sua morte, chamado apenas de “popular” e “desconhecido”. Somente a polícia militar foi ouvida como fonte, se referindo ao rapaz assassinado como um “elemento” que tentou tomar os pertences de uma moça, mas foi morto por um cidadão que viu a cena.

Portanto, desde o título, a notícia destaca a condição marginal do jovem através do crime que ele praticou, dando menor importância ao fato de que ele foi morto por um cidadão, que sequer foi identificado. Possivelmente esse cidadão não possui autorização para portar armas. Dessa forma, a morte do jovem seria a sua punição pela tentativa de assalto.

A segunda notícia analisada foi publicada no dia 31 de agosto de 2017, com o título “Suspeito de envolvimento em homicídios e assalto morre em confronto com a PM”. A fotografia é uma reprodução, e tem como legenda a frase: “O homem foi identificado como Artur Costa Silva, 21 anos”.



Na imagem o jovem aparece com expressão facial sisuda, segurando uma arma com a mão esquerda e fazendo um gesto popularmente conhecido como “paz e amor” com a mão direita. A letra “V” formada pelos dedos é historicamente utilizada para fazer referência às vitórias ou conquistas. De acordo com o professor de comunicação Oscar Cesarotto, o chefe de Estado britânico Winston Churchill ajudou a divulgar o sinal pelo mundo, ao utilizá-lo na segunda guerra mundial após vitórias sobre o exército alemão.

Segundo a notícia, o jovem morreu em troca de tiros com a Polícia Militar. O texto, escrito com base nas notícias publicadas nos sites *Fim da Linha* e *O Câmera*, deixa claro que o rapaz era considerado um “criminoso de alta periculosidade pela polícia” por ser acusado de realizar assaltos e homicídios em Mossoró. Junto a ele, chamado de “indivíduo” no último parágrafo, foram encontradas munições, droga e um documento falsificado. Novamente o jornal tenta amenizar a morte pelo viés da má conduta da vítima.

A terceira notícia analisada foi publicada no dia 05 de setembro de 2017, com o título “Tentativa de assalto em hospital termina com um assaltante morto em Mossoró”. A fotografia vem acompanhada da seguinte legenda, que possivelmente está incompleta: “Ítalo Leite da Silva Soares, “Iltinho”, de 18 anos de idade, foi baleado e morreu antes de receber s”.



Na imagem, o jovem concentra seu olhar em algo que está próximo à câmera. Sua expressão facial é austera. Em relação ao texto, retirado do blog *O Câmera*, há a informação de que quatro pessoas invadiram um hospital. Uma delas foi baleada no próprio local por um cidadão que estava presente. Ainda assim, os quatro assaltantes fugiram e o ferido foi deixado em uma das ruas do percurso. Algumas pessoas levaram o jovem machucado ao hospital, o mesmo que ele tentou invadir momentos antes, no entanto o rapaz já chegou morto. Lá, ele foi reconhecido como um dos quatro assaltantes.

No texto algumas expressões se repetem, como “populares” para se referir às pessoas do hospital e “elementos” ao citar os assaltantes. Assim como na primeira notícia analisada, em meio à uma tentativa de assalto um cidadão não identificado reage atirando. Novamente o assassino é uma pessoa armada que presenciou a situação. O rapaz morto tem o nome completo e apelido divulgados pelo jornal, mas não há nenhuma referência ao nome de quem o matou.

Em um mês essa foi pelo menos a segunda notícia sobre uma pessoa que reagiu ao assalto. Não há, por parte do jornal, nenhuma problematização sobre o porte ilegal de armas e os perigos em reagir a assaltos. Implicitamente, os textos transformam as mortes dos jovens em situação de violência em punições enquanto seus assassinos são vistos como justiceiros sociais.

A quarta notícia analisada foi publicada no dia 07 de outubro de 2017, com o título “179º assassinato em Mossoró: adolescente de 17 anos é morto na Ilha de Santa Luzia”. A fotografia é de autoria do blog *O Câmera*, e tem como legenda a frase: “Francisco Leonardo de Souza Melo é a 179ª Morte violenta em Mossoró em 2017”.



A imagem mostra um aglomerado de pessoas ao redor do corpo do jovem, com expressões de tristeza por parte de uns e demonstração de curiosidade por parte de outros. O agente da perícia criminal aparece olhando para o rapaz desfalecido no meio da rua.

Conforme a notícia, um jovem de 17 anos morreu vítima de tiros enquanto caminhava pela rua. Duas pessoas em uma moto aproximaram-se do rapaz, o passageiro realizou os disparos. Tanto o título como a legenda da imagem e a frase que encerra o texto informam que este é o 179º assassinato em Mossoró no ano de 2017. A repetição dos números em um texto curto, com menos de 150 palavras, parece ser mais importante que o próprio fenômeno da violência, dando a entender que o jovem foi apenas mais um a morrer pela criminalidade.

A quinta notícia escolhida para análise foi publicada no site do *Jornal de Fato* no dia 22 de novembro de 2017, com o título “Jovem morre ao reagir a abordagem de policiais em Mossoró”. A fotografia abaixo leva a legenda: “O morto foi identificado como Emerson Duarte da Silva, 18 anos”.



A fotografia contém um policial militar em primeiro plano, em segundo há outro agente de segurança. A vítima aparece inconsciente sobre uma maca hospitalar, conduzida por dois policiais e funcionários do Hospital Estadual Tarcísio Maia. A situação do rapaz é humilhante, além de desacordado, ele está sem camisa e coberto de sangue.

Conforme a notícia, o jovem assaltou um veículo junto com outras pessoas e disparou tiros contra uma casa onde possivelmente estaria um desafeto. A polícia foi acionada. No encontro entre assaltantes e policiais houve troca de tiros, levando à morte desse jovem de 18 anos. Ele chegou a ser levado ao hospital, mas não resistiu.

No início do texto há uma referência à “numeração” da morte do jovem, sendo a 213ª ocorrida no ano de 2017 em Mossoró. Palavras como “indivíduo” e “elementos” aparecem na notícia. As pessoas que assaltaram o carro junto com o rapaz assassinado foram detidas, no entanto, o jornal não as identificou.

A sétima e última notícia analisada foi publicada no dia 26 de dezembro de 2017, com o título “Adolescente é assassinado com disparos de arma de fogo na cabeça e costas”. A fotografia utilizada pelo *Jornal de Fato* vem acompanhada da legenda: “O crime aconteceu por volta das 8h20 da manhã desta terça-feira (26)”.



A fotografia expõe o corpo do jovem de 17 anos em primeiro plano, com o rosto voltado para o chão. Ao fundo, há três agentes da Guarda Municipal e a respectiva viatura. Uma fita sinalizadora mantém as pessoas distantes do corpo.

O texto informa que o jovem foi atingido por tiros na parte superior do corpo. Há pelo menos três tipos de fontes para comprovar que o rapaz não tinha envolvimento com a criminalidade: Polícia, familiares e conhecidos da vítima. De acordo com a notícia, o jovem trabalhava em uma barraca de frutas e provavelmente foi morto por engano.

Um dos suspeitos foi preso. A conclusão do texto é feita com a informação de que este é o 241º homicídio registrado em Mossoró no ano de 2017. Novamente a violência é reduzida à números, atualizados a cada notícia. A possibilidade de inocência do jovem levou o jornal a indicar seu local de trabalho e ampliar o número de fontes, o que não acontece nos casos em que assaltantes foram mortos. Geralmente a versão da polícia é tida como oficial.

Conclusão

Nas notícias analisadas é possível perceber as nuances das mortes violentas em Mossoró, que atingem principalmente homens de realidade econômica empobrecida. As mortes causadas por pessoas que presenciaram assaltos, bem como o tratamento dado a estas pelos textos também chamam a atenção. Não há qualquer tipo de problematização acerca do porte de armas nestes casos. Os nomes das pessoas que mataram os assaltantes sequer são citados, mas elas foram implicitamente apoiadas pelos jornalistas.

Além disso, os textos jornalísticos escolhidos e analisados mostraram imprecisão em alguns momentos. A expressão “segundo informações” é costumeira, mas não deve ser usada pois o leitor do jornal necessita saber de onde veio a informação. Outros termos, vindos da linguagem “policialesca” costumam ser usados com frequência. A palavra “polulares” é associada ao cidadão, enquanto “indivíduo” e “elemento(a)” fazem referência aos jovens em criminalidade.

É importante destacar que boa parte dos textos são integralmente extraídos ou escritos a partir dos blogs de notícias policiais *O Câmera* ou *Fim da Linha*, ambos de Mossoró. Porém, não existe qualquer preocupação em excluir as frases inadequadas, taxativas ou de teor agressivo. A multiplicação de notícias sensacionalistas de outros veículos noticiosos é, em si, uma escolha editorial que viola os direitos dos jovens.

A repetição do número total de assassinatos e a ideia de mostrar que aquele era mais um é tão nítida que deixa para segundo plano o trágico fenômeno da criminalidade. Ao contrário, é essencial que haja uma contextualização da notícia, penetrando melhor nas causas e efeitos das mortes por assassinatos.

O jornal sempre busca de alguma maneira julgar as vítimas de assassinato, determinando por meio de uma elaborada construção textual e verbal aqueles que merecem ou não morrer. Essa metodologia desconsidera o contexto sociocultural de boa parte dos adolescentes e jovens que foram negligenciados de seus direitos sociais ao longo da vida.

As notícias que procuram dar uma cobertura aprofundada sobre esses eventos foram fundamentais para o esclarecimento do contexto da infração e podem contribuir para uma mudança da percepção social sobre esses jovens, classificados de modo geral como bandidos irrecuperáveis, e não como pessoas em pleno processo de desenvolvimento psicossocial. (NJAINÉ; VIVARTA, 2005, p. 79)

Portanto, o jornal tanto pode disseminar práticas violentas como tem poder para oportunizar reflexões na sociedade sobre as raízes da violência e do comportamento agressivo em adolescentes e jovens. Assim, o jornalista cumpre sua função social, defendendo direitos e contribuindo para que o Estado promova as garantias individuais e coletivas previstas na Constituição Federal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Rodrigo Miguel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ALVES, Carla Cristina Costa. **NELSON RODRIGUES E A REPORTAGEM POLICIAL: REALIDADE X FICÇÃO**. Monografia de Graduação em Comunicação Social. Rio de Janeiro, Uerj, 2001.

AMÂNCIO, Thiago. **Mortes violentas crescem e atingem maior número já registrado no país**. São Paulo, out. 2017. Seção Cotidiano. Disponível em: < <https://bit.ly/2pcAjPo>>. Acesso em 20 mai. 2018.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CARLOS, E. D. S.; MENDES, M. L. G. C. . **Adolescência em foco: representação imagética do jovem em situação de risco**. Culturas Midiáticas, v. VI, p. 1-12, 2013.

CARLOS, Elenilda Dias De Souza. **Crianças e Adolescentes Vítimas de Homicídio: A Construção do Sujeito no Discurso das Fotografias do Jornal O Mossoroense**. Mossoró: UERN, 2015.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <<https://bit.ly/2kcTt5M>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

HERMES, Ivenio; BRANDÃO, Thadeu. **Observatório Potiguar 2017**. Disponível em: <<https://bit.ly/2IB9QUj>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

IPEA; FBSP. **Atlas da Violência 2017**. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>>. Acesso em 09 mai. 2018.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da Imagem**. 11 ed. Campinas – SP: Papyrus, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PARRY, Roger. **A ascensão da mídia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal: da forma ao sentido**. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

REDAÇÃO. **179º assassinato em Mossoró: adolescente de 17 anos é morto na Ilha de Santa Luzia**. Mossoró, out. 2017. Seção Segurança. Disponível em: <<https://bit.ly/2GxtvCE>>. Acesso em 01 mai. 2018.

_____. **Adolescente é assassinado com disparos de arma de fogo na cabeça e costas**. Mossoró, out. 2017. Seção Segurança. Disponível em: <<https://bit.ly/2rTXW1k>>. Acesso em 01 mai. 2018.

_____. **Assaltante é morto a tiros no centro de Mossoró**. Mossoró, ago. 2017. Seção Segurança. Disponível em: <<https://bit.ly/2kcgQfK>>. Acesso em 01 mai. 2018.

_____. **Jovem morre ao reagir a abordagem de policiais em Mossoró**. Mossoró, out. 2017. Seção Segurança. Disponível em: <<https://bit.ly/2IUbKmc>>. Acesso em 01 mai. 2018.

_____. **Suspeito de envolvimento em homicídios e assalto morre em confronto com a PM**. Mossoró, ago. 2017. Seção Segurança. Disponível em: <<https://bit.ly/2KGoyJY>>. Acesso em 01 mai. 2018.

_____. **Tentativa de assalto em hospital termina com um assaltante morto em Mossoró**. Mossoró, set. 2017. Seção Segurança. Disponível em: <<https://bit.ly/2IuZXLP>>. Acesso em 01 mai. 2018.

SALLA, Fernanda. **Do OK ao joinha, as origens de 15 sinais que fazemos com as mãos**. Disponível em: <<https://abr.ai/2KNXxEB>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Relatório Final Pesquisa Brasileira de Mídia 2016**. Disponível em <<https://bit.ly/2k4WwKT>>. Acesso em 09 mai. 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2012.

UNICEF. **VIOLÊNCIA NA MÍDIA: Excessos e avanços**. Disponível em <http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_04.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2018.